



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"  
Campus de Marília



**CULTURA  
ACADÊMICA**  
*Editora*

## COOPERATIVA-ESCOLA: METODOLOGIA PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA CULTURA ESCOLAR COOPERATIVA

Eva Chow Belezia

Miguel Henrique Russo

**Como citar:** BELEZIA, E. C.; RUSSO, M. H. Cooperativa-Escola: Metodologia para a construção de uma cultura escolar cooperativa. *In:* BUENO, M. S. S. **Gestão e currículo no ensino técnico:** Olhares da pesquisa sobre o centro Paula Souza. Marília: Ed. FUNDEPE, 2010. p. 183-214. DOI: <https://doi.org/10.36311/2010.978-85-7983-047-1.p183-214>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

## CAPÍTULO 7

---

**Cooperativa-Escola:** Metodologia para a construção de uma Cultura Escolar Cooperativa?<sup>1</sup>

Eva Chow Belezia  
Miguel Henrique Russo

Uma escola mais democrática, onde todos aprendem, mais flexível, em que a uniformidade dê lugar à diversidade, uma escola com mais qualidade, em que as aprendizagens formais sejam aprendizagens reais, uma escola com identidade em que todos gostem de trabalhar é, certamente, um objetivo nobre, urgente mas difícil de alcançar. Possível, no entanto.

(BENAVENTE, 2001, p. 9).

### Introdução

A pesquisa da qual resultou este texto teve como objetivo investigar os resultados produzidos pela implantação do modelo de educação agrícola que tem a Cooperativa-Escola como instrumento pedagógico integrador das práticas curriculares. Tal esforço investigativo se justificou em face de quatro dimensões envolvidas no processo de concepção e implementação daquele modelo pedagógico.

A primeira é o pressuposto explícito de que a Cooperativa-Escola seria o elemento capaz de produzir uma nova concepção de educação técnica agrícola que integraria a teoria e a prática, através da participação direta dos alunos em uma organização concreta; que, em conseqüência, prepararia os egressos para uma atuação social alternativa às formas de organização tipicamente capitalistas.

---

<sup>1</sup> Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Educação do Centro Universitário Nove de Julho – UNINOVE, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Educação. Orientador: Prof. Dr. Miguel Henrique Russo.

A segunda é o pressuposto implícito, porque não revelado nos documentos que propõem o modelo pedagógico, de que a cooperativa-escola daria um sentido econômico à produção da escola agrícola sendo que o resultado financeiro assim obtido seria utilizado para saldar parte das despesas do Estado com a manutenção da escola.

A terceira dimensão que justifica a pesquisa é o entendimento de que a introdução de mudanças estruturais na escola, como a proposta da cooperativa-escola, constitui desafio organizacional e gerencial que requer, para sua consecução e sucesso, compromisso e competência dos agentes responsáveis por sua implantação.

Por último, a quarta justificativa se liga à necessidade de conhecer uma política assumida pelo Estado, através de uma entidade do seu aparelho educacional, para o ensino de uma modalidade cuja importância repercute nos setores social, econômico e tecnológico.

A justificativa para pesquisar as formas como se dão as relações entre o pedagógico e o produtivo, e o peso de cada um na organização curricular da escola, leva em conta que, no ensino técnico agrícola, os projetos desenvolvidos pela escola têm dupla finalidade: a didático-pedagógica, na medida em que se constitui no laboratório prático para fixação e experimentação dos conceitos teóricos, e a de manutenção da fazenda e da residência de alunos, com geração de excedentes para comercialização.

Apresentam-se, assim, duas questões a serem estudadas:

- A Cooperativa-Escola hoje existente nas Escolas Técnicas Estaduais Agrícolas – ETECs é um elemento nucleador e integrador das atividades pedagógicas nessas escolas? Realiza a integração entre a teoria e a prática como estava previsto no projeto que lhe deu origem?

- A implantação da Cooperativa-Escola a partir de 1994 mudou a forma de participação discente nas atividades escolares, ou seja, os alunos têm, neste modelo, possibilidade de opinar e participar, de fato, das decisões referentes aos projetos desenvolvidos na escola, inclusive quanto ao destino daquilo que produzem na fazenda?

Considerando-se que o setor rural, onde estão inseridas as escolas agrícolas, defronta-se atualmente com cenário semelhante ao urbano, onde o

desemprego é dos problemas mais graves, e o modelo econômico vigente não dá conta de harmonizar ou, ao menos, reduzir o desequilíbrio social cada vez mais gritante, justifica-se a busca de alternativas para geração de trabalho e de renda que considerem as possíveis quebras de subordinação do trabalho ao capital e, ao mesmo tempo, manter as conquistas históricas do trabalhador. Essas alternativas passam pelas vias do cooperativismo e de outras formas de organização social e solidária.

A escola pública deve estimular e proporcionar condições para o desenvolvimento dessa visão, ao mesmo tempo crítica e empreendedora. Afinal, sendo o trabalho um princípio educativo, "instrumento de mediação entre o homem e o mundo" (GADOTTI, 1995), deverá ser instrumento para a transformação social.

Entretanto, quando olhamos para a escola pública que temos, especificamente para a escola pública profissionalizante, é possível constatar, nas últimas décadas, o seu sucateamento físico aliado às constantes mudanças de orientação educacional e de subordinação administrativa a vários órgãos da estrutura burocrática do Estado (Secretarias, Coordenadorias, Departamentos, etc) e a normas legais que raramente levaram em conta as especificidades dessa modalidade educativa e, em geral, subordinaram seus cursos aos interesses dos grandes produtores e do mercado.

As Cooperativas-Escola implantadas nas ETECs resultaram de uma decisão institucional que traduziu a crença na sua capacidade de dar um sentido ao trabalho escolar, orientando suas práticas, o que significaria um avanço em relação aos modelos anteriores de organização curricular, alguns dos quais claramente priorizavam a produção, com a utilização da mão de obra dos alunos, sem dar ao trabalho um significado educacional, pedagógico ou formativo.

Do universo de 124<sup>2</sup> Escolas Técnicas Estaduais vinculadas ao Centro Paula Souza (autarquia ligada à Secretaria de Desenvolvimento do Estado de São Paulo), 35 são Escolas Agrícolas que oferecem cursos na área

---

<sup>2</sup> Em 2006 o Estado contava com 124 ETECs, número que foi gradativamente ampliado com a criação de mais unidades, como parte da política de expansão da rede de escolas técnicas estaduais. O Centro Paula Souza conta, em novembro de 2009, com 167 ETECs e pretende novas ampliações.

da Agropecuária e que estão instaladas em fazendas localizadas em municípios do interior do Estado.

## **1 Metodologia da Pesquisa**

O período pesquisado, 1994 a 2006, compreende desde o ano de implantação do projeto-piloto da Cooperativa-Escola, com a participação de seis escolas, até a finalização da pesquisa. A metodologia foi a do estudo de caso de natureza qualitativa, tendo como sujeitos os dirigentes, professores e alunos da escola.

Os critérios que nortearam a seleção da escola onde se realizou o estudo foram: ter participado do projeto desde seu início (1994); contar, na equipe dirigente e docente, com significativa presença de agentes que participaram da implementação; e ter desenvolvido ações que promovessem a expansão da cooperativa-escola através da interação com instituições externas.

O estudo de caso aqui relatado utilizou os seguintes instrumentos para a coleta de dados:

- Pesquisa documental e bibliográfica, através do levantamento, leitura e estudo de publicações e teses relacionadas aos temas ensino profissional, ensino agrícola, cooperativismo e cooperativas-escola, bem como relatórios, projetos, trabalhos apresentados em congressos e demais documentos gerados pelos órgãos coordenadores das cooperativas-escola e pelas próprias escolas;
- Questionários específicos aplicados diretamente aos segmentos de alunos e professores da ETEC visando a coleta de informações e a percepção daqueles agentes sobre o tema da pesquisa. As questões dos instrumentos foram agrupadas em 2 blocos: um quanto ao entendimento das finalidades da Cooperativa-Escola e a importância dada à vida escolar; e outro focado nas interações entre os diferentes atores da escola em decorrência da existência e funcionamento da Cooperativa-Escola.

- Grupos focais, metodologia baseada na interação entre diversos componentes de um grupo, que discorrem sobre determinado assunto o que, segundo Bellenger et al (1976), levaria a respostas mais espontâneas do grupo, através do processo de falar/ouvir/refletir/questionar/discordar. Foram formados dois grupos de alunos e um grupo de professores. Nesses grupos foram aprofundadas algumas questões não suficientemente esclarecidas pelas respostas aos questionários.

### **O Ensino Técnico Agrícola - especificidades e contexto**

Segundo Morais (2002) o modelo Escola-Fazenda, que pautou metodologicamente o Ensino Agrícola desde a década de 1960, teve como fundamento a Teoria do Capital Humano, cujo pressuposto central é o de que a educação deve ser entendida como investimento e que, quanto maior o investimento, maior será o retorno do capital empregado.

O sistema Escola-Fazenda foi implantado no Brasil em 1966 com objetivo de

[...] proporcionar condições para a efetividade do processo ensino/produção, bem como a vivência com a realidade social e econômica da comunidade rural, fazendo do trabalho um elemento integrante do processo ensino-aprendizagem, visando conciliar educação, trabalho e produção. (SOBRAL, 1998, p. 36).

No Estado de São Paulo o Sistema Escola-Fazenda foi implantado em 1966, sendo, de acordo com Peçanha [1967]

um sistema que se fundamenta principalmente no desenvolvimento das habilidades, destrezas e experiências indispensáveis à fixação dos conhecimentos adquiridos nas aulas teóricas. [...] Portanto, a esse sistema aplica-se adequadamente o princípio: "aprender a fazer e fazer para aprender". (Escola-Fazenda, p. 2)

Para viabilizar seus objetivos, de acordo com o mesmo documento, o Sistema Escola-Fazenda organiza-se e funciona através de quatro áreas

“distintas que funcionam integradas e perfeitamente interligadas: Salas de aula, Laboratórios de Prática e Produção (LPP), Programa Agrícola Orientado (PAO) e Cooperativa Escolar Agrícola (COOP)”. (p. 2)

A Cooperativa Escolar Agrícola (COOP), cujos associados seriam os próprios alunos ofereceria a eles a oportunidade de "assumirem responsabilidades, conhecerem as leis e se educarem dentro dos princípios da cooperação e auxílio mútuo".(Escola-Fazenda, p. 6)

Uma recuperação histórica das mudanças por que passou o Ensino Técnico Agrícola revela que muitas das ações pedagógicas propostas e experimentadas não alcançaram o resultado esperado devido a problemas puramente administrativos. A morosidade dos trâmites na administração pública, principalmente no tocante a recursos, e a falta de autonomia gerencial da escola, interferem muito na qualidade dos resultados da maioria dos projetos agropecuários desenvolvidos. É, portanto, extremamente difícil implantar na Escola sistemas de administração que não interfiram nos processos de ensino e aprendizagem.

O Quadro 1, a seguir, resume as alterações ocorridas com a rede escolar do Ensino Técnico no Estado de São Paulo, ao longo da sua existência.

**Quadro 1- As instituições gestoras do ensino agrícola no estado de São Paulo (1907 – 2006)**

Secretaria	Órgãos
Agricultura	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Diretoria de Agricultura (1907)</li> <li>• Conselho Superior do Ensino de Agricultura no Estado (1927)</li> <li>• Diretoria de Ensino Agrícola (1942-1963)</li> </ul>
Educação	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Superintendência da Educação Profissional e Doméstica (1934)</li> <li>• Departamento de Ensino Profissional, Setor de Cultura Técnica (1951)</li> <li>• Coordenadoria do Ensino Técnico – Diretoria de Ensino Agrícola (1963-1976)</li> <li>• Coordenadoria de Ensino do Interior (1976-1991)               <ul style="list-style-type: none"> <li>• Grupo de Trabalho para Assuntos Relativos ao Ensino Profissionalizante - GETEP – 1979</li> <li>• Grupo Executivo do Ensino Agrícola - GEAGRI – 1984</li> <li>• Divisão de Supervisão e Apoio às Escolas Técnicas Estaduais - DISAETE – 1985</li> </ul> </li> </ul>
Ciências, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Departamento Estadual de Educação Técnica - DEET – 1991</li> <li>▪ Centro Estadual de Educação Tecnologia Paula Souza – 1993 em diante</li> </ul>

**Fontes:** Ensino Agrícola no Estado de São Paulo: Introdução ao estudo da relação trabalho-educação. (MACHADO, 1992) e documentos legais.

A partir do quadro apresentado refletimos sobre as razões que levaram à elaboração de uma proposta como a da Cooperativa-Escola que, ao mesmo tempo, proporciona a educação profissional agropecuária e produz um "cimento" que consolida a formação do jovem como ser humano e cidadão, em uma escola capaz de sobreviver com qualidade às mudanças provocadas pelas políticas educacionais.

A última alteração registrada no Quadro I, ou seja, a transferência, em 1993, das Escolas Técnicas da rede pública estadual, então vinculadas à



Secretaria do Desenvolvimento, para o Centro Paula Souza provocou nesta instituição uma demanda de reestruturação física, humana e administrativa. Em relação às escolas agrícolas, havia total desconhecimento das especificidades da modalidade de ensino e das suas demandas. Em decorrência, realizou-se em março de 1994 o I Seminário sobre o Ensino Técnico Agrícola Paulista, com a participação dos diretores e coordenadores de todas as escolas agrícolas.

Foram definidas, conforme constam nos Anais do Seminário (CENTRO PAULA SOUZA, 1994), as "diretrizes para o Ensino Técnico Agrícola:

- considerar, na formação do técnico em agropecuária, a estrutura agrária brasileira e a necessidade de direcionar as ações pedagógicas da Escola no sentido do desenvolvimento do pequeno e médio produtor rural;
- viabilizar a permanência dos alunos na Escola, considerando-se as características do ensino agropecuário e procurando garantir-lhes condições mínimas de conforto, segurança e privacidade, bem como organização e convivência social;
- organizar o ensino agrícola utilizando a **cooperativa-escola como recurso catalisador das ações pedagógicas, administrativas e produtivas da unidade**" (p. 3, grifo nosso)

### A Cooperativa-Escola no Centro Paula Souza

A agricultura, seja ela familiar ou na concepção do "agronegócio", deve fazer frente às condições atuais do mercado a fim de permanecer como um fator de viabilização econômica e social das comunidades rurais. Nesse sentido, mesmo nos empreendimentos de pequeno e médio portes, competitividade e diversidade devem ser levadas em conta, como também gestão e sustentabilidade.

Na busca de novos paradigmas que propiciem o desenvolvimento a partir do local, uma forma de organização se apresenta: a cooperativa.

Isso se deve à sua natureza democrática e participativa, na qual os associados participam das atividades produtivas, da estrutura financeira e do processo decisório. A cooperativa possibilita que os agricultores organizem a sua produção, diversifiquem suas atividades, agreguem valor à sua produção e aumentem seu poder de negociação, nos dois campos fundamentais para a sobrevivência do agricultor: "o antes e o depois da porteira".

Considerando-se esta perspectiva, de que o desenvolvimento não pode depender apenas de ações governamentais e institucionais *externas*, e sim de uma árdua construção a partir das bases locais, podemos constatar a importância de profissionais com formação que extrapole as competências técnicas e produtivas e que possa agregar também as capacidades de organização da comunidade e de gerenciamento de empreendimentos produtivos.

A construção de uma proposta pedagógica embasada na educação cooperativista e tendo um instrumento concreto como a cooperativa-escola, pressupõe que toda a comunidade escolar esteja imbuída na missão de formar uma consciência crítica e uma participação política e solidária.

De acordo com o Plano de Curso Técnico da área de Agropecuária, elaborado pelo Centro Paula Souza (2003), uma das características constantes do perfil do técnico agrícola é o domínio de conhecimentos e habilidades administrativas na sua área de atuação, além do espírito cooperativista e da capacidade de liderança inerentes ao agente de transformações socioeconômicas.

O Projeto de Implantação de Cooperativa-Escola constituiu-se de uma proposta de iniciar as cooperativas em seis unidades escolares, estratégia que, segundo o projeto,

visa dimensionar um microuniverso onde possam ser observados e analisados todos os fatores condicionantes do Ensino Agrícola à luz dos parâmetros pedagógicos, sociais, econômicos e políticos, numa circunstância de relativa autonomia, onde os alunos estarão se responsabilizando pelo gerenciamento dos setores produtivos. A implantação deste projeto para o total de escolas agrícolas da rede estadual acontecerá nos 3 anos subsequentes, a partir da observação de experiências bem e/ou mal sucedidas e das necessárias adequações que se apresentarem. (CENTRO PAULA SOUZA, 1994a, p. 3-4)

Para o funcionamento das Cooperativas-Escola, após sua regularização foram assinados convênios de cooperação entre o Centro Paula Souza e as Cooperativas-Escola para *cessão de uso mútuo dos bens produtivos das escolas*. De acordo com o documento, ao Centro Paula Souza cabe "*ceder à Cooperativa-Escola, a seu exclusivo critério, e sob a forma de permissão de uso a título gratuito, de instalações diversas, áreas de terras, semoventes, equipamentos, máquinas e materiais relacionados em anexo, integrantes do Plano de Trabalho de que trata a Cláusula Primeira [...]*"

À Cooperativa-Escola, por sua vez, cabe "*enquanto órgão catalisador de todas as atividades escolares de ordem produtiva, zelar pelos bens recebidos [...], implementar e executar os projetos agropecuários resultantes das práticas de ensino previstas no Plano Escolar [...]*"

## **2 A Cooperativa-Escola – breve descrição de sua estrutura e funcionamento**

A Cooperativa-Escola foi concebida, em 1994, para ser uma sociedade formada por alunos, destinando aos professores, funcionários e gestores da escola o papel de orientadores e apoiadores no processo educacional.

Sua estrutura conta com os órgãos sociais descritos por Belezia e Rossi (1997), cujas funções estão detalhadas no Estatuto Social da Cooperativa-Escola:

- Assembléia Geral, constituída por todos os cooperados, é o órgão supremo da cooperativa. Tem entre suas atribuições a definição das políticas de atuação da Cooperativa, a eleição anual dos Conselhos de Administração e Fiscal e a aprovação anual das contas;
- Conselho Fiscal constituído, de acordo com a Lei nº 5764/71, por 3 conselheiros titulares e 3 suplentes, tem a função de fiscalizar as operações, atividades e serviços da Cooperativa e analisar os saldos, balanços e balancetes da sociedade;
- Conselho de Administração, constituído por 5 cooperados (Presidente, Vice-Presidente, Secretário e dois vogais), é responsável pela

gestão da cooperativa, desde a elaboração de um plano de trabalho anual, o planejamento dos projetos, a execução, controle e comercialização dos produtos.

- Comissão Técnica de Apoio e Execução – COTAE<sup>3</sup>, constituída por 6 alunos com atribuições de assessorar o Conselho de Administração e colaborar na execução das atividades;
- Comitê Educativo – comissão permanente de associados com objetivo de representar os cooperados junto ao Conselho de Administração nas suas reivindicações e sugestões, além de responsabilizar-se pela comunicação e pela educação cooperativista. É composto por 3 alunos de cada classe.

Quanto ao funcionamento da Cooperativa, Belezia e Rossi (1997, p. 23) ressaltam a importância de vincular os projetos agropecuários à proposta curricular e pedagógica das escolas:

Os Projetos Agropecuários têm dupla função: como componentes do currículo escolar, instrumentalizam o aprendizado do aluno, nos diversos aspectos técnicos, propiciando o desenvolvimento de habilidades para a prática agropecuária, bem como para os aspectos administrativos e gerenciais, buscando eficiência e eficácia nos projetos. Paralelamente, têm a função de viabilizar a fazenda e a residência dos alunos, mantendo o refeitório e, com a venda dos excedentes de produção, os próprios projetos e setores técnico-produtivos. São funções que não podem ser desvinculadas. Conseqüentemente, a integração curricular é fundamental e as ações da Cooperativa-Escola devem estar em consonância com o Plano Escolar e os Planos de Ensino da Unidade.

De acordo com o Projeto de Implantação (1994) e Belezia (1998), cabe à escola a responsabilidade de definir e dirigir o processo educacional, implementando o Plano Escolar que estabelece prioridades e define estratégias, ações e papéis dos envolvidos no processo. Para tanto, através da

---

<sup>3</sup> COTAE- Esta comissão foi instituída a partir de 1997, com a reforma estatutária, visando contemplar os alunos mais interessados em participar da gestão da Cooperativa, mas que não tinham idade para tal. Por ser uma comissão eleita até 72 horas após a realização da Assembléia Geral Ordinária cuja ata é arquivada na Junta Comercial, seus nomes não constam de seus registros.

direção e do corpo docente, a escola orienta as atividades nos diferentes setores técnicos, pedagógicos ou de apoio.

O corpo docente, responsável direto pelo desenvolvimento dos componentes curriculares, participa ativamente do processo de ensino e aprendizagem que, no modelo em estudo, se desenvolve basicamente em três momentos distintos: o das aulas teóricas, o das aulas práticas e estágios supervisionados.

À Cooperativa cabe, sob orientação do professor orientador, a liberação e controle do uso de insumos conforme estabelecido nos Projetos Agropecuários e seus cronogramas de utilização, bem como o controle da produção, seja ela encaminhada ao refeitório, a outros setores da Escola ou à comercialização.

A "prática administrativo-cooperativista" será realizada pelos alunos de todas as séries, principalmente nas aulas de Cooperativismo, Administração e Economia Rural, além dos Estágios Supervisionados e Estágios Extracurriculares, quando poderão participar das ações de fornecimento de insumos, controle de estoques, comercialização, emissão de notas e recibos, etc.

A Cooperativa-Escola participa, então, como organismo responsável pela compatibilização das atividades da Escola com a realidade do meio em que está inserida, viabilizando e agilizando a administração dos recursos disponíveis e dando oportunidade ao aluno de vivenciar o processo de forma integral e ativa.

A partir da comercialização do excedente de produção, da compra de insumos e da contratação de serviços de terceiros se estabelece um relacionamento natural da Escola, através da Cooperativa, com os mercados de insumos e produtos e de mão-de-obra.

A integração com produtores rurais, em especial os pequenos produtores, é de extrema importância para que se conheça a realidade do setor agrícola. Através da prestação de serviços e de trabalhos de potencialização e extensão rural com comunidades de pequenos produtores, a Escola e a Cooperativa poderão oferecer também a sua contribuição social. (BELEZIA, 1997).

## **Cooperativa-Escola de Alunos – O estudo de um caso.**

Considerando que o estudo realizado teve por objetivo “investigar os resultados produzidos pela implantação do modelo de educação agrícola que tem a Cooperativa-Escola como cerne do projeto pedagógico e como instrumento educacional”, partiu-se das questões inicialmente apresentadas na Introdução deste texto, buscando compreender o papel da cooperativa-escola e a dimensão que ela adquiriu na escola, segundo o ponto de vista dos atores principais do processo educativo: os alunos e os professores.

### **3 A pesquisa de campo**

#### **a. Questionários**

Foram distribuídos questionários aos alunos do Ensino Médio e do Ensino Técnico e aos professores, para coletar informações sobre a visão que aqueles agentes têm das finalidades da Cooperativa-Escola, de seu Estatuto Social e de como ela se insere na escola e em sua proposta pedagógica: se como mero instrumento para viabilizar a comercialização da produção da fazenda, ou com uma função educacional na formação do técnico. Nesta etapa foram respondidos 98 questionários de alunos e 13 de professores.

#### **- Apresentação das respostas dadas pelos professores**

A pesquisa abrangeu a totalidade do corpo docente da ETEC, tanto do Ensino Médio como do Ensino Técnico, alguns deles ministrando aulas nas duas modalidades. O questionário foi organizado em 21 perguntas e as questões focalizaram basicamente a compreensão que cada professor tem sobre a cooperativa-escola e sobre a sua dimensão como instrumento educacional e operacional.

As respostas dadas indicam que a Cooperativa-Escola é valorizada pelos coordenadores de área e pelo diretor da escola, na medida em que é um tema tratado nas reuniões pedagógicas de planejamento e na proposta pedagógica da escola. Assim, todos os professores declararam conhecer a Cooperativa-Escola e seu estatuto social, pelo menos no que se refere aos

seus objetivos, e 92,3% afirmaram ter sido discutido nas reuniões como instrumento metodológico.

Foi possível observar que existe, naquela Unidade Escolar, um clima organizacional propício à participação dos professores, o que parece favorecer também a Cooperativa-Escola: 84,6% dos professores ajudaram a elaborar a proposta pedagógica da ETEC, e 15,4% declararam que foi discutida em reuniões. Todos conseguem justificar a participação da Cooperativa-Escola nessa proposta sob dois ângulos distintos, porém não incompatíveis: para disponibilizar materiais e equipamentos para as aulas teóricas e práticas e, assim, viabilizar projetos; e como instrumento metodológico na formação dos técnicos.

Quanto à relação teoria/prática e à inserção da Cooperativa-Escola como elemento de ligação, as opiniões são diversas: declaram que existem limitações para a articulação da teoria com a prática, tanto materiais quanto humanas, embora reconheçam que a Cooperativa-Escola é de fato um elemento facilitador. 30,8% consideram que há perfeita co-relação entre o que se ministra em sala de aula e no campo, 46,2% consideram que isto acontece em parte, dependendo do professor, 15,4% afirmam que a teoria nem sempre é compatível com a prática e 7,7% declaram que, quando não é possível, buscam alternativas fora da escola para fazer a relação teoria/prática;

Indagados sobre a possibilidade de ser a Cooperativa-Escola um tema gerador para trabalhos interdisciplinares, quatro declaram que já acontece na escola, oito que acontece em algumas disciplinas e um considera que é possível, mas que exige conhecimentos específicos dos professores.

Quanto à relação da escola com a comunidade externa, todos reconhecem que a Cooperativa-Escola colaborou para sua melhoria e ampliação na medida em que a escola tem maior autonomia (53,8%), ampliou sua produção (30,8%) e pela mudança de postura dos alunos (69,2%). Isto demonstra que um dos objetivos do Projeto de Implantação de Cooperativas-Escola de Alunos, de *“Integrar a Escola com a comunidade rural através da prestação de serviços, extensão rural e atividades socio-culturais”* (CENTRO PAULA SOUZA, 1994.b, p. 4) foi atingido.

Sobre o papel da cooperativa-escola na organização administrativa da

escola, todos consideram que é importante pela geração de recursos, e 69,2% também por viabilizar a residência dos alunos<sup>4</sup>.

Entre os aspectos facilitadores e dificultadores existentes para que a cooperativa-escola seja um instrumento educacional a ser efetivamente apropriado pelos professores da ETEC, em questão aberta estes destacaram entre os aspectos facilitadores o maior envolvimento e conscientização da comunidade escolar, fornecimento de dados e materiais para o desenvolvimento das aulas; promoção do conhecimento e vivência cooperativa, além de favorecer a realização de parcerias e projetos.

Quanto às dificuldades, elencaram principalmente a falta de conscientização de parte dos alunos, funcionários e professores gerando resistências. Tal situação reforça a percepção de que mudanças de atitudes e comportamentos acontecem através de um processo que, dependendo do contexto em que esteja inserido, poderá levar mais ou menos tempo. Mas será sempre um processo.

#### **- Apresentação das respostas dadas pelos alunos ao questionário**

O questionário foi respondido por 98 alunos, tanto do Ensino Médio como do Ensino Técnico, de um total de 120 alunos matriculados em 2005. Assim como no questionário destinado aos professores, as questões para os alunos eram de resposta única ou múltipla. Os objetivos eram levantar o entendimento que os alunos tinham da Cooperativa-Escola e a forma como o conhecimento sobre ela é disponibilizado aos mesmos, seja na sala de aula ou nas atividades práticas cotidianas.

A diversidade na frequência de respostas assinaladas pelos alunos decorre, possivelmente, dos diferentes estágios de desenvolvimento curricular em que se encontravam ao responder o questionário, ou seja, em uma das três séries do ensino médio e/ou em um dos três módulos do ensino técnico.

---

<sup>4</sup> Parte dos alunos das escolas agrícolas residem na zona rural ou em outros municípios, o que dificulta seu deslocamento diário. Por esta razão as escolas oferecem aos alunos o sistema de residência.



Constata-se que nem sempre as intenções e propósitos dos professores surtiram o efeito esperado, ou pretendido, junto aos alunos. Ao mesmo tempo, constata-se na leitura das respostas assinaladas pelos alunos e sua frequência no conjunto que a educação cooperativista pretendida não atingiu a todos com igual intensidade, possivelmente pela mesma diversidade apontada acima.

Assim, para a pergunta “Você já conhecia os objetivos da Cooperativa-Escola que estão descritos no Estatuto?” resultou em 38% de “Sim, mas não da forma como está escrito”, 39% de “Não, porque não tive acesso ao estatuto”, 9% de “Sim, mas não acho que funciona assim”, 8% em “Não, porque imaginei que os objetivos fossem outros”. 2% declararam não ter condições de responder.

A frequência de 39% de alunos que não tiveram acesso ao estatuto corresponde ao exato número de alunos da primeira série do ensino médio que responderam ao questionário. Uma vez que não existem naquela unidade escolar alunos freqüentando exclusivamente a 2ª ou 3ª série do ensino médio, pode-se concluir que a maior parte dos alunos da 1ª série do ensino médio não foi informada das funções da Cooperativa, embora todos tenham aderido à mesma ao entrarem na ETEC.

Esse fato leva a algumas hipóteses, que foram confirmadas posteriormente pelo professor orientador e pelo diretor da escola:

- O aluno, ao fazer a matrícula no Ensino Médio, também se associa à Cooperativa, sem que seja dado qualquer significado especial ao fato. Este poderia ser o primeiro e importante passo para uma proposta de educação cooperativista.

- Com a separação do Ensino Médio e do Técnico, modelo adotado pelo Centro Paula Souza desde 1999, os ingressantes no 1º ano do Ensino Médio não tiveram a oportunidade de conhecer mais profunda e sistematicamente a Cooperativa-Escola, entendendo-a apenas como um local para as atividades de estágio ou “*aquela que cobra a mensalidade da residência*”.

- O cooperativismo é transmitido formalmente na disciplina específica (Associativismo e Cooperativismo), no 1º módulo do Ensino Técnico e é nessa ocasião que o aluno tem efetivo contato com a sua

cooperativa-escola. Contrariando as respostas dadas pelos professores, conclui-se que o tema não é tratado no Ensino Médio, pelo menos na 1ª série. Da mesma forma, não há formalmente uma ação de outros professores, para esclarecer os alunos de forma sistemática e organizada, o mesmo se aplicando aos alunos dirigentes da Cooperativa-Escola.

Este é um importante aspecto a ser destacado, pois considerando a curta duração do curso técnico (3 módulos ou semestres), o 1º ano do Ensino Médio é um período que deveria ser melhor aproveitado para a iniciação ao cooperativismo.

Em relação à prática docente na visão dos estudantes, podemos destacar que:

- 40% acham que alguns professores do Ensino Técnico e Médio fazem a relação entre o que ensinam e a Cooperativa-Escola e 23% acham que “quase todos”.

- A maioria (56%) vê claramente a cooperativa como instrumento econômico para a viabilização dos projetos agropecuários e para fornecer material para as aulas. Neste bloco, 7% responderam que “tanto faz existir ou não a Cooperativa-Escola”.

- A participação dos alunos em atividades da Cooperativa-Escola não acontece, em geral, de forma espontânea. Apenas 27% afirmam que vão “sempre que podem” ou “quando não tenho aula”. Da mesma forma, quando indagados sobre um dos aspectos essenciais em uma cooperativa que é o conhecimento e compreensão das contas por parte do cooperado, 59% declararam que “lêem o balancete sempre que podem”, ou seja, não consideram este conhecimento suficientemente importante para um cooperado.

A análise das respostas dos alunos ao questionário, confrontadas com as dos professores, leva a constatar que existe uma forte intenção por parte deles que não conduz, necessariamente, aos resultados esperados, suscitando perguntas que foram, posteriormente, efetuadas nas sessões de grupos focais. Essas questões estão relacionadas principalmente à percepção que alunos e professores têm efetivamente da cooperativa-escola, à qual muitos estão associados, e da efetiva utilização desta na vida escolar, seja no currículo formal ou nas atividades cotidianas.

É possível afirmar, com base nas respostas apresentadas, que a educação cooperativista indicada no Estatuto Social não tem sido tratada com a ênfase preconizada no mesmo, constituindo-se em uma fragilidade no processo educacional.

A educação e a capacitação são indispensáveis em qualquer instituição, mas nas cooperativas elas são questão de sobrevivência. Sem essas atividades, as cooperativas são desvirtuadas ou até absorvidas pelo sistema socioeconômico e pelo processo social dominante que é a concorrência e o conflito. (SCHNEIDER, 2001, p. 13).

### **b. Grupos Focais<sup>5</sup>**

Para complementar e aprofundar as informações obtidas nos questionários, foram realizados três grupos focais. A utilização dessa técnica, nessa etapa da pesquisa, justifica-se pela possibilidade de levantar, com a sua aplicação, informações a partir de visões diferentes sobre as mesmas situações.

Foram organizados três grupos focais, um de professores, um de alunos que exercem alguma função formal na cooperativa-escola (por exemplo, presidente, secretário, fiscal, etc) e um grupo de alunos-cooperados. Buscou-se, com isso, obter diferentes ângulos de visão sobre a cooperativa-escola e sua inserção na escola, ao mesmo tempo em que se reduziram os riscos de inibição dos alunos pela presença de professores, ou a predominância de opiniões de alunos ocupantes de funções sobre os demais alunos.

O número de participantes nos grupos variou de seis professores a dez alunos. Os seis professores eram aqueles presentes na escola no dia e período em que foi realizada a atividade. Quanto aos alunos, foi feito um convite geral e os voluntários foram organizados pelos próprios estudantes.

---

<sup>5</sup> Segundo Gatti (2005), na adoção do Grupo Focal deve-se sempre ter muito claras as questões a serem estudadas, a partir das quais se elabora um roteiro de trabalho. Ainda de acordo com a mesma autora, os grupos devem ter de 6 a 12 participantes e a sua organização deve ser cuidadosa para reduzir os riscos de inibição ou de dominação de uns sobre outros.

As sessões duraram, aproximadamente, uma hora e meia cada, tendo sido gravadas. Nos grupos focais de alunos contou-se com a colaboração de uma aluna, que fez anotações complementares.

Em todas as sessões tomou-se o cuidado de explicitar o compromisso de manter o sigilo das fontes e das opiniões. As transcrições foram posteriormente submetidas à aprovação de cada grupo, antes de serem efetivamente agregadas ao presente trabalho.

### **- Grupo Focal – Professores**

O grupo foi composto por seis professores, um deles exclusivamente do Ensino Médio e cinco do Ensino Técnico, sendo que dois destes atuam também no EM. Esses seis professores representam 43% do corpo docente da escola.

Inicialmente foi solicitado aos professores que dessem sua opinião sobre a finalidade da Cooperativa-Escola. Abriu-se também espaço para as manifestações espontâneas.

A Cooperativa-Escola constitui-se em um centro de informações para os professores em seu trabalho docente, disponibilizando dados sobre produção, custos, cronogramas, para uso em estudos de viabilidade econômica dos projetos, tomada de decisões etc. É, ainda, elemento de ligação nas atividades práticas de campo, proporcionando a integração entre as diversas disciplinas profissionalizantes.

Um aspecto ressaltado pelo grupo é que, diante do predominante individualismo na sociedade atual, a educação e a formação de um espírito cooperativista constituem-se em um grande desafio. Para que esse espírito exista, um diferencial na opinião dos professores é que o atual diretor da ETEC é cooperativista, descentraliza as decisões, entende e dá valor para a Cooperativa-Escola. Entretanto, podemos constatar que o processo decisório, no que se refere à gestão da fazenda, acontece principalmente entre a administração e os professores.

Finalmente, na opinião dos professores a Cooperativa-Escola funciona realmente como elemento nucleador do currículo, inclusive com o envolvimento dos alunos do Ensino Médio.

### - 1º Grupo Focal com Alunos

Participaram deste grupo dez alunos, membros da diretoria, Conselho Fiscal e Comissão Técnica de Apoio e Execução – COTAE, todos com 18 anos ou mais.

Em relação às razões de estarem na ETEC, cinco declararam que gostam da área agropecuária e destes, dois pretendem seguir os estudos em Agronomia. Dois alegaram falta de condições financeiras para fazer faculdade, razão pela qual optaram pelo curso técnico e três são filhos de agricultores e desejam voltar “à roça” para melhorar as condições de suas famílias nas propriedades,

Sobre conhecimentos prévios em relação ao cooperativismo, oito não tinham nenhuma noção e dois são filhos de cooperados, embora reconhecessem também não ter quase nenhum conhecimento sobre o tema.

Qual seria, então, a percepção que têm agora da cooperativa-escola e de suas finalidades?

Aqui, transcreveremos algumas das respostas fornecidas:

- *“Serve para ajudar o aluno a realizar trabalhos em grupo”;*
- *“A finalidade é desenvolver os conhecimentos do aluno, na parte técnica e comercial”;*
- *“A Cooperativa é importante porque tudo que é produzido passa pela cooperativa e a gente fica sabendo de tudo que acontece”;*
- *“Temos acesso aos dados de produção como, por exemplo, quanto sai de leite, quanto custa, de carne, verduras. Fazemos o levantamento dos custos”;*
- *“Mas a cooperativa não é só econômica. Serve para desenvolver a capacidade de resolver problemas que vamos encontrar ‘lá fora’”.*

Como fazem para iniciar algum projeto?

- *“Ah, para os projetos novos, que algum cooperado (ou grupo) quer fazer, tem que calcular os custos todos e apresentar para a diretoria da cooperativa. Se eles aprovarem, vai*

Quanto ao funcionamento da cooperativa, os alunos têm conhecimento de que os insumos (adubos, sementes, óleo diesel, etc), assim

como a manutenção dos alojamentos (vidros, pintura, reformas) e a alimentação, são custeados pela cooperativa. Para o lazer dos cooperados no fim de semana, também são adquiridas bolas de futebol e alugados DVDs ou fitas de vídeo.

Em relação à utilização da Cooperativa-Escola em sala de aula, informaram que apenas alguns professores trabalham com dados gerados pela mesma como, por exemplo, o balancete mensal das contas nas aulas de Matemática, Cooperativismo e Gestão.

### **- 2º Grupo Focal com Alunos**

Este grupo, formado por dez alunos não ocupantes de cargos na Cooperativa-Escola, foi escolhidos dentre voluntários das classes. O grupo era composto por nove rapazes e uma garota. Não houve preocupação em estabelecer relações de gênero uma vez que não faz parte do foco da pesquisa.

Em relação à percepção prévia que possuíam sobre do cooperativismo, sete não faziam idéia do que era cooperativismo, antes de entrarem na escola. Dois têm pais que são cooperados (cooperativa agrícola) e um tem pai presidente de uma associação de produtores.

Esses três têm uma noção clara de que a cooperativa ou a associação serve para ajudar os pequenos produtores *“a se unirem e conseguirem competir com os grandes”*.

Segundo os demais alunos, apenas começaram a ter uma noção mais clara de cooperativas no curso técnico, com a disciplina de Associativismo e Cooperativismo.

A partir do ensino médio os alunos participam da Cooperativa-Escola desenvolvendo atividades desvinculadas de uma educação cooperativista mais formal, tais como participação na feira semanal do produtor, nos estágios administrativos na cooperativa e na venda dos produtos. As informações são compartilhadas entre os próprios alunos, informalmente.

Indagados sobre o que pensam ser a cooperativa-escola as respostas variaram mas, em geral, há uma valorização da cooperativa-escola na prática da gestão, assim como são percebidos problemas de participação dos funcionários e dos próprios alunos.

Sobre o tratamento do tema nas aulas, dizem que cooperativismo é trabalhado principalmente na disciplina específica, mas que em geral os professores abordam o tema, direta ou indiretamente, principalmente nas disciplinas ligadas à gestão.

Quanto aos benefícios sociais que uma cooperativa pode trazer ao aluno cooperado, não há clareza. O foco acaba sempre voltando para o produtivo e para os aspectos da gestão. Entretanto, em algumas falas podemos perceber uma preocupação com a melhoria de vida proporcionada ou possível de ser proporcionada pela cooperativa.

Os alunos se referem, com frequência, a projetos que elaboram, mas que não são viabilizados. Reconhecem um dificultador que é o fato de, no período de férias, não estarem na escola para dar continuidade. Não vêem nos funcionários interesse ou disposição para cuidarem dos projetos dos alunos.

Com relação à participação na vida da Cooperativa, não existe muito envolvimento, exceto nos projetos e nos estágios na cooperativa. A participação esperada do cooperado nas reuniões de Conselho de Administração e do Conselho Fiscal não acontece com a assiduidade esperada. Na opinião dos alunos isto se deve à sua realização em horários em que os alunos estão em aula, ou desenvolvendo projetos, ou mesmo porque não são informados a tempo.

Solicitados a indicar os pontos que consideram fortes na cooperativa, e aqueles que consideram fracos, declaram entre os pontos fortes as vendas, na feira do produtor e na própria escola, de verduras, laticínios, ovos, humus e a ajuda na elaboração dos trabalhos escolares disponibilizando a internet para pesquisa, ainda que de modo insatisfatório, e efetuando impressão desses trabalhos.

Entre os pontos fracos destacaram a falta de organização das atividades e a falta de informações sobre os gastos e os ganhos da Cooperativa, que acreditam que deveriam ser publicados semanalmente, e não mensalmente, e a pouca importância dada pelos funcionários à cooperativa. Apontam ainda que *“Os dados dos finais de semana não são anotados corretamente, ou nem são anotados, porque a Cooperativa não abre nesses dias. Precisa organizar melhor as escalas e aumentar a responsabilidade do monitor”*.

#### 4 A escola – antes e depois da Cooperativa-Escola

Com base nos dados coletados na pesquisa este item visa estabelecer uma comparação entre a situação “antes da Cooperativa” (1993-94) e a situação atual, tendo como referência os dados contidos no Relatório “Rede Agrícola” do Centro Paula Souza (1994) e informações da Secretaria Acadêmica da ETE<sup>6</sup> fornecidas pelo diretor. Verificou-se a ampliação do número de alunos oriundos do município sede da escola, assim como de outros estados. Na opinião do diretor da ETEC

o aumento de alunos do município deve-se à gradual ampliação da credibilidade da comunidade quanto à qualidade de ensino e de organização da escola. Houve um aumento também no número de alunos de outros estados, principalmente do Mato Grosso do Sul, pela expansão da agricultura na região Centro-Oeste e maior empregabilidade no setor agropecuário.

Há uma diferença significativa quando comparamos a porcentagem de alunos cujas famílias subsistiam de atividades rurais em 1994 (23%) e em 2006 (53,5%). Segundo o diretor, o aumento de alunos provenientes da zona rural resultou da mudança de perfil do aluno, agora predominantemente da região. De acordo com o mesmo, a consolidação da Cooperativa-Escola nos últimos anos pode ter sido um importante facilitador no incremento de parcerias com entidades como a Associação dos Fruticultores da região, a Cooperativa de Cafeicultores e o SENAR, na ampliação da produção e conseqüente venda de mais excedentes, aumentando a credibilidade da escola junto à comunidade regional, que passou a estimular os seus filhos a estudarem naquela escola agrícola.

---

<sup>6</sup> Na estrutura das ETEs do Centro Paula Souza a Secretaria Acadêmica é responsável pela vida escolar dos alunos.



Quanto ao rendimento escolar, verifica-se uma redução na porcentagem de perdas escolares do 1º ano do Ensino Médio por evasão (27,3% em 1994 e 10% em 2005), e uma redução mínima quando somados os números de Ensino Médio e Ensino Técnico: em 1994 13,5% de evasão e em 2005 8% de evasão e 4,5% de retenção, totalizando 12,5% de perdas escolares.

### Considerações Finais

Não é possível perseguir uma sociedade justa sem buscar os caminhos que possam levar à autonomia das pessoas: social, econômica e cultural.

Os objetivos do projeto de implantação das Cooperativas-Escola<sup>7</sup> e os objetivos destas, constantes em seu Estatuto Social, possuem um sentido claro ao articular a formação dos técnicos agrícolas à formação humana e social. Ao instituir a participação dos alunos na prática organizacional e gestonária da cooperativa como atividade curricular, o projeto instituiu, pelo menos no plano teórico, a prática do cooperativismo no processo educativo, ou seja, articulou a doutrina econômica que busca o bem comum através de trabalho coletivo visando a promoção econômica, social e cultural de seus membros e escola, local onde se constroem conhecimentos e valores humanos e sociais.

A trajetória da Cooperativa Escolar de Serviço e Produção, implantada e extinta nas escolas agrícolas de São Paulo na década de 1970, e o processo de implantação da Cooperativa-Escola, descritos brevemente neste capítulo, demonstram que um dos fundamentos do cooperativismo, a

---

<sup>7</sup> São objetivos do projeto cooperativa-escola: “*estimular na Escola um trabalho articulado entre alunos, professores e funcionários; co-responsabilizar os alunos pelos Projetos Agropecuários, desde sua elaboração até o suprimento da Escola e a comercialização dos excedentes de produção; integrar a Escola com a comunidade rural através da prestação de serviços, extensão rural e atividades sócio-culturais; garantir maior flexibilidade administrativa da unidade escolar através do gerenciamento, pela Cooperativa-Escola, dos recursos físicos e materiais, da produção e da comercialização*” (Centro Paula Souza: 1998).

participação democrática dos cooperados, somente acontece quando se enfatiza e prioriza continuamente a educação cooperativista, ou seja, a prática cooperativa requer um processo de formação.

É preciso, no entanto, durante a análise dos dados coletados, das experiências relatadas e dos resultados das pesquisas efetuadas, ter claro que a Cooperativa-Escola se insere em um contexto diferenciado, de autonomia relativa, uma vez que integra uma escola e, assim, está subordinada às normas e determinações institucionais próprias do campo educacional e da cultura escolar.

Pelos relatos de professores e alunos, as vantagens conseguidas com a Cooperativa-Escola parecem estar muito mais vinculadas ao aumento de produtividade agropecuária, à comercialização dos produtos e à conseqüente geração de renda, do que à construção coletiva de “saberes e fazeres” cooperativistas, frutos da participação dos alunos na tomada de decisões, no planejamento, na execução e na avaliação das ações da Cooperativa-Escola.

Entretanto, os dados revelam que a Cooperativa realiza apenas parcialmente o papel de nucleadora e integradora das atividades pedagógicas uma vez que não é o fio condutor de todas as disciplinas e práticas escolares, constituindo-se em foco de algumas disciplinas, apenas, principalmente aquelas do curso técnico. Já como mediadora da relação entre teoria e prática é possível atribuir-lhe um papel relevante ao garantir as condições materiais e processuais para a aplicação dos conceitos estudados nas disciplinas teóricas.

É possível observar que a Cooperativa-Escola é um empreendimento consolidado na escola pesquisada. De acordo com os professores, “não é possível imaginar, hoje, a escola sem a cooperativa”. Tal sentimento é explicitado por professores que viveram o “antes” e o “depois” da Cooperativa-Escola.

A escola define o que deseja produzir, quanto produzir e o destino a ser dado para o produto. Cabe, entretanto, refletir se as oportunidades apresentadas são, efetivamente, aproveitadas para a construção da cultura da participação, principalmente junto aos alunos.

Os alunos, por sua vez, têm opiniões ao mesmo tempo favoráveis e indefinidas da sua Cooperativa-Escola: são cobrados pelos professores e diretores para serem participativos e responsáveis nas atividades desta, mas não sentem que sua participação é valorizada nas ocasiões em que decisões precisam ser tomadas.

Não se pode partir do princípio de que “a cooperativa está aí, à disposição, e cabe ao aluno demonstrar interesse em se integrar ao processo”. Afinal, como já registramos anteriormente, a educação cooperativista deve ser continuamente desenvolvida e retomada, em todas as sociedades cooperativas. Por esta razão, constitui-se em um dos sete princípios cooperativistas adotados mundialmente, sendo considerada por Pinho (2003) “*cláusula pétrea*”<sup>8</sup>.

A escola não pode eximir-se desta responsabilidade, principalmente se assume ser a Cooperativa-Escola um elemento fundamental para a manutenção, com qualidade, da escola agrícola. Assim sendo, a educação cooperativista não deveria estar limitada apenas a um componente curricular ministrado no primeiro módulo do curso técnico.

As sessões de grupos focais e as conversas informais com os alunos revelam que esses jovens, em sua maioria, estão dispostos a realizar as atividades de campo, entendendo que o trabalho é parte do seu aprendizado. Têm, também, grande respeito e confiança em seus professores, principalmente os dos cursos técnicos, pela maior convivência e afinidade. Ao mesmo tempo, são críticos para perceber os gargalos dos processos produtivos como, por exemplo, a atuação deficiente dos funcionários que termina por comprometer os resultados e dificultar a gestão dos projetos. Têm percepção das potencialidades não exploradas dos recursos físicos e naturais da escola.

Esses aspectos, em um ambiente propício à participação na busca coletiva de soluções e alternativas, poderiam ser altamente favoráveis para a construção de uma metodologia diferenciada na formação de técnicos para a

---

<sup>8</sup> Cláusula pétrea: termo utilizado metaforicamente às cláusulas pétreas do direito constitucional, que não podem ser mudadas por representarem seus pilares básicos. Assim é a educação cooperativista no sistema cooperativo internacional.

área agropecuária. É competência da escola, através de seus gestores e seu corpo docente, proporcionar as condições para tal.

Existe, na escola pesquisada, ambiente favorável e canais estabelecidos para a manifestação dos alunos na proposição de projetos e atividades, o que é positivo. A necessidade de redigir um projeto para ser proposto à cooperativa permite o desenvolvimento de competências de planejamento e de gestão, identificadas no Plano do Curso Técnico como pertinentes ao técnico da área agropecuária. Participar de reuniões para discutir se os projetos propostos são viáveis, ou não, é fundamental para desenvolver capacidades de argumentação e negociação, também necessárias ao técnico.

Entretanto, não ter condições de tomar as decisões finais juntamente com os professores pode tornar-se uma experiência frustrante, que colocará em risco as conquistas anteriores, perpetuando as relações hierarquizadas e, portanto, da responsabilidade de quem detém a palavra final.

Não se pode negar que, em todos os casos, houve o devido esclarecimento aos alunos e estes não chegam a discordar das razões. Entretanto, os esclarecimentos chegam após a decisão tomada. Essa atitude, se não assistencialista, apresenta o viés de “resolver para” e não de “resolver com”, o que não estimula a responsabilidade uma vez que esta não pode ser incorporada intelectualmente, mas só vivencialmente (FREIRE, 1967, p. 58).

Levando em conta o *autodesenvolvimento* como etapa avançada da participação, quando os grupos locais organizados tomam iniciativas, sem esperar intervenções de fora, e definem seu plano estratégico e os projetos a serem desenvolvidos a partir de problemas levantados por eles mesmos e onde os “de fora” passam a ter uma ação de assessoria e consultoria, é um ponto em que dificilmente uma cooperativa-escola poderia chegar, em função do modelo institucional escolar ao qual está vinculada e que representa, como já vimos anteriormente, um obstáculo à plena realização dos fins do cooperativismo.

A Cooperativa-Escola deve ser entendida como um processo, cujo estudo não se esgota na concretização dos objetivos previamente traçados: as dinâmicas social, política e econômica são determinações para o funcionamento das cooperativas que, em conseqüência, se alteram com

aquelas variáveis. Além disso, os agentes têm seus valores determinados pela sua própria história e pelo contexto do momento.

Pela sua característica principal de ser uma associação de pessoas, contará sempre com aqueles que têm noção, mais ou menos clara, de suas responsabilidades como seres sociais, e aqueles que se consideram livres para escolher e fazer o que consideram melhor para si.

Para evitar que a Cooperativa-Escola seja transformada em mero instrumento de agilização de procedimentos administrativos e de comercialização da produção, há necessidade daquilo que Lovisolo (1990), citando J. B. Pinto, chama de "*vigilância permanente*". Tal vigilância deve ser exercida principalmente por aqueles que, ao contrário dos alunos, não são transitórios na escola: os professores e funcionários. Aos professores deve ser atribuído o desafio de vencer o imobilismo e repensar as práticas educativas tradicionais, utilizando de forma sistematizada a Cooperativa-Escola na sua ação docente.

O projeto Cooperativa-Escola, implantado pelo Centro Paula Souza nas Escolas Técnicas Agrícolas, contemplou na sua concepção os dois segmentos básicos das sociedades cooperativas: o social e o econômico. O social focaliza a qualidade na formação do técnico agrícola, ampliando suas capacidades de gestão ao participar de todas as fases dos projetos e de trabalhar em grupo e liderar, além de proporcionar qualidade de vida na escola e na residência, através da educação cooperativista. O econômico, por sua vez, visa a agilização dos procedimentos administrativos na gestão da fazenda na qual a escola está localizada, contando com o aumento da eficiência produtiva dos projetos e a comercialização dos excedentes de produção para re-aplicação em novos projetos e na manutenção do sistema de residência.

Considerando o contexto econômico, político e cultural em que as ETECs estão inseridas, não causa surpresa constatar que o econômico está consolidado e que a Cooperativa-Escola proporciona autonomia suficiente para a formação de parcerias, a melhoria das condições produtivas através da aquisição de bens, equipamentos e insumos adequados e a agilização na tomada de decisões para definição/flexibilização dos projetos agropecuários.

Quanto ao segmento social, configura-se como o grande desafio não apenas das Cooperativas-Escola, mas do cooperativismo em geral, uma vez que o emergencial (a sobrevivência) e o prioritário (a educação e a formação de novas gerações cooperativistas) nem sempre são colocados no mesmo nível.

Por fim, considerando que as ETECs fazem parte de uma rede escolar administrada centralizadamente por uma instituição pública, é pertinente afirmar que não será suficiente a condição de comprometimento da comunidade de cada escola se não se aplicar o princípio cooperativista internacional de “cooperação entre cooperativas”, constituindo a Rede das Cooperativas-Escola.

## Referências

- ARAÚJO, Paulo F. Cidade. A importância do investimento em capital humano. *Preços Agrícolas*, Piracicaba, ano 10, n. 112, p. 8-9, fev. 1996.
- BELEZIA, E. Projeto Cooperativa-Escola. *Synthesis*, São Paulo, n. 5, p. 64-71, out. 1998.
- \_\_\_\_\_; ROSSI, M. Aparecida Bastos. *Cooperativa-Escola*: caderno-subsídio. São Paulo: Copidart, 1997.
- BELLENGER, Danny N., BERNHARDT, Kenneth L., GOLDSTUCKER, Jac. L. *Qualitative Research in Marketing*. Chicago: American Marketing Association, 1976. p. 7-28: Qualitative Research Techniques: focus group interviews.
- BRANDÃO, C. R. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- BRASIL. *Lei n.º 5.692/71, de 11 de agosto de 1971*. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação. COAGRI. *Manual de instruções para organização e funcionamento de cooperativas-escola nos estabelecimentos de ensino agrícola*. 3. ed. Brasília, DF, 1982.
- CENTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA PAULA SOUZA. Coordenadoria de Ensino Técnico. *Seminário sobre o ensino técnico agrícola paulista*. São Paulo, 1994a. Relatório.

\_\_\_\_\_. Coordenadoria de Ensino Técnico. *Projeto de implantação de cooperativas-escola nas Escolas Técnicas Agrícolas do Estado de São Paulo*. São Paulo, 1994b.

\_\_\_\_\_. Coordenadoria de Ensino Técnico. *Plano de curso técnico da área agropecuária*. São Paulo, 2003.

\_\_\_\_\_. *Deliberação CEETPS-17, de 14 de setembro de 1994*. Autoriza o funcionamento de Cooperativas-Escola de Produção e Serviços junto às ETAEs do CEETPS.

FRANCO, Maria Laura P. Barbosa. Educação-produção: distorções do sistema. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 10, n. 29, p. 101-121, jul. 1988.

\_\_\_\_\_. *Ensino médio: desafios e reflexões*. Campinas: Papyrus, 1994.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO. Coordenadoria de Projetos Especiais. *O ensino agrícola do 2º Grau no Estado de São Paulo: avaliação e sugestões para a melhoria de seu desempenho*. São Paulo, 1986. Relatório final.

GADOTTI, Moacir. *Pedagogia da práxis*. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 1995.

GATTI, Bernardete Angelina. *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas*. Brasília: Líber Livro, 2005. (Série Pesquisa em Educação, 10).

GEILFUS, F. *80 herramientas para el desarrollo participativo: diagnóstico, planificación, monitoreo, evaluación*. San Salvador, El Salvador: Prochalate – IICA, 1997.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, n. 1, p. 9-43, jan./jun. 2001.

LOVISOLO, Hugo. *Educação popular: maioridade e conciliação*. Salvador: UFBA: Empresa Gráfica da Bahia, 1990.

MACHADO, Lourdes Marcelino. *Ensino agrícola no Estado de São Paulo: introdução ao estudo da relação trabalho-educação*. 1992. 426 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 1992.

MORAIS, Roberto Camilo Órfão. *A implantação do Sistema Escola-Fazenda na Escola Agrotécnica Federal de Machado – MG, entre 1976 e 1986*. 2002. 83 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2002.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2003.

NORONHA, Olinda Maria. Cooperativismo sócio-comunitário e educação: reflexões históricas e possibilidades atuais. In: *Anais do VI Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sudeste – ANPED*. 2004, Rio de Janeiro. (CDROM)

PEÇANHA, Wolga (Org.). *Escola Fazenda*. São Paulo: CENAFOR, [1967]  
PINHO, Diva Benevides. Cooperativismo: fundamentos doutrinários e teóricos. In: PANZUTTI, Ralph (Org.). *Educação cooperativista*. São Paulo: OCESP: SESCOOP-SP, 2001. cap. 4, p. 72-102.

SÃO PAULO (Estado). *Resolução SE nº 5, de 11 de agosto de 1972*. Dispõe sobre Acordo Especial a ser firmado entre Colégio Técnico Agrícola e Cooperativa.

\_\_\_\_\_. *Decreto Estadual 7.510/76, de 29 de janeiro de 1976*. Dispõe sobre a reforma administrativa da Secretaria da Educação.

\_\_\_\_\_. *Resolução SE nº 135, de 18 de agosto de 1977*. Suspende as atividades das Cooperativas Escolares.

SCHNEIDER, José Odelso. As origens do cooperativismo moderno. A cooperação e o cooperativismo. In: PANZUTTI, Ralph (Org.). *Educação cooperativista*. São Paulo: OCESP: SESCOOP-SP, 2001. cap. 5, p. 103-116.

SOBRAL, F. J. M. *Ensino agrotécnico no Brasil: evolução de uma trajetória*. 1998. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO, Guarapuava, 1998.



